



Universidade de Brasília

**Oralidade enquanto resistência:  
Linguagem, política e educação.**

**Fábio Roberto Barbosa dos Santos**

Brasília, 2022

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA**

**Oralidade enquanto resistência:  
Linguagem, política e educação.**

**Fábio Roberto Barbosa dos Santos**

Monografia apresentada ao Departamento de Filosofia como requisito parcial para conclusão do curso de Licenciatura em Filosofia na Universidade de Brasília.

Orientador: Wanderson Flor do Nascimento

Brasília

2022

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA**

**FOLHA DE APROVAÇÃO**

**Fábio Roberto Barbosa dos Santos**

**Oralidade como resistência:  
Uma aproximação entre África e Brasil**

Aprovada em: \_\_\_\_ de outubro de 2022.

**Banca Examinadora**

---

Prof. Dr. Wanderson Flor do Nascimento.  
Orientador – Universidade de Brasília

---

Profa. Dra. Priscila Rossinetti Rufinoni  
Universidade de Brasília

## Dedicatória

*Dedico aos que lutam, aos que são resistência.  
Aos que vivem e sonham.  
O sonho das pessoas não tem fim!*

## Agradecimentos

Agradeço a minha família de sangue e da rua, aos que estiveram comigo durante toda essa luta. Agradeço aos que partilharam de momentos e vivências, estando presentes ou não.

Minhas mães e meu irmão, vocês são a minha vida, agradeço a vocês por estarem presentes me dando vida e suporte para que eu tenha conseguido chegar até aqui, amo vocês mais que tudo!

Aos meus amores e amigos, vocês são importantíssimos, parte essencial da minha vida e do que sou! Giulia, Aut, Ramon, Gaspah, Gabiru, todos os DM's, todo o Rajinho. Todos que fizeram parte do meu dia a dia e da minha trajetória, amo muito vocês e tudo que são para mim, agradeço de coração mesmo. Não citarei nome de todos, porém sou agraciado por ter inúmeras pessoas incríveis na minha vida, não se sintam menos importantes, pelo contrário, saibam que guardo o nome de cada um comigo, e quem é, sabe!

Agradeço ao meu orientador por toda a ajuda e paciência comigo, Uã, você foi importantíssimo durante tudo isso, agradeço imensamente por tudo. Agradeço também a Priscila Rufinoni pela disponibilidade e por todo aprendizado ao longo do curso.

Agradeço de coração a todos, vocês são parte do que eu sou! Não vou me prolongar muito aqui pois a linguagem não abrange meus sentimentos no momento, levarei tudo isso comigo para o resto da minha vida.

Amo vocês!

*Nós só precisamos de nós.*

## **Resumo**

Ao decorrer desta monografia será abordado temas relacionados a educação e linguagens. É proposto reflexões sobre a filosofia não ser algo distinto de nossa vida e nossas ações, e sim um modo de viver. Formas diversas de resistências podem ser ferramentas importantíssimas no ensino da filosofia, assim como a oralidade, abordada tanto pelo pensamento dos povos indígenas, quanto pelo pensamento dos povos negros. Outras linguagens mais abertas a oralidade são meios aos quais a educação pode ser trabalhada, no intuito de eternizar, resistir e disseminar conhecimentos.

## **Abstract**

In this this monograph, topics related to education and languages will be addressed. Reflections are proposed on philosophy not being something different from our life and actions, but a way of living. Different forms of resistance can be very important tools in the teaching of philosophy, as well as orality, addressed both by the thought of indigenous peoples and by the thought of black peoples. Other languages more open to orality are means to which education can be worked, in order to perpetuate, resist and disseminate knowledge.



## Sumário

|   |    |
|---|----|
| Introdução.....   | 11 |
| Capítulo 1: Linguagem e resistência.....                  | 13 |
| Capítulo 2: Educação como ambiente de possibilidades..... | 23 |
| Considerações finais.....                                 | 28 |
| Referências .....   | 30 |

## Introdução

Pierre Hadot aponta em *‘Exercícios Espirituais e Filosofia Antiga’* que um elemento fundamental da noção de filosofia defendida na Grécia Antiga era a congruência do discurso com a forma de vida assumida pelo próprio filósofo. E ao ler os antigos, nota-se uma aplicação de seus discursos na vida prática. Filósofos que morriam por suas palavras – podemos pegar o caso de Sócrates, quando tomou a cicuta – mas não se contradiziam ou negavam sua forma de pensar e espalhar suas reflexões. Filósofos que indagavam questões sobre justiça, o bem, a sabedoria (e etc.) e buscavam viver uma vida em conformidade com a sua compreensão de mundo, rejeitando os males e tentando aperfeiçoar suas virtudes e a alcançar cada vez mais a sabedoria, mesmo tendo o entendimento de que a sabedoria plena é quase inalcançável.

A filosofia parecia assim um exercício do pensamento, da vontade, de todo o ser, para tentar chegar a um estado; a sabedoria, que era, aliás, quase inacessível ao homem. (HADOT, 2014, Página 262.)

Prezavam pelo exercício da filosofia, pois tinham a compreensão de que a busca pela sabedoria não poderia se compreender apenas no âmbito teórico, mas também no prático, “pois a sabedoria não faz somente que possamos conhecer, mas faz ‘ser’ diferente” (HADOT, 2014, Página 263.). Era usada como um objetivo a ser alcançado, que necessitava do exercício da filosofia, do esforço, da mudança do ser, pois era como um progresso espiritual; mesmo tendo a consciência de que a sabedoria plena não poderia ser alcançada, buscava-se alcançar alguns momentos privilegiados no qual poderia contemplá-la, pois a sabedoria era como uma forma de transcendência que movia a ação.

Buscavam por meio da filosofia, alcançar a *ataraxia* e a *autarkeia* – termos gregos que podem ser traduzidos como *tranquilidade da alma* e a *liberdade interior* –, tinham a concepção de que faziam parte de um cosmo, uma consciência cósmica, da dilatação do eu na infinitude da natureza universal, então os considerados ‘sábios antigos’ buscavam sempre estar em harmonia com o cosmos (HADOT, 2014, Página 264.).

Os estoicos falavam sobre a distinção entre o discurso sobre a filosofia e a filosofia em si. Ao ensinar filosofia, necessita-se, por questões até pedagógicas e lógicas, fazer certas distinções e teorizar sobre a física, a lógica e a ética, mas isso não passa de partes da filosofia, do discurso *sobre*. Mas quando se trata de viver a própria filosofia, não cabe mais ver a filosofia como teorias em partes separadas, mas viver tudo como um ato único, ou seja, viver a ética, a lógica e a física. Não se trata mais de teorizar sobre ações morais ou pensar bem, e sim, agir de maneira justa e pensa-se bem. Não teorizam sobre o mundo físico; o contemplam, contemplam o cosmos.

No texto de Hadot, ele usa o exemplo que Pólemon – que foi um dos estudantes da antiga Academia – dizia, para lucidar como o discurso sobre a filosofia não é a filosofia: “O que se diria de um músico que se contentasse em ler os manuais de música e não tocasse jamais? Muitos filósofos são admirados por seus silogismos, mas se contradizem em suas vidas” (HADOT, 2014, Páginas.264, 265.). Pois o que adianta ler e conhecer sobre filosofia, se não existe um horizonte de aplicabilidade desses conhecimentos, seria como aprender sobre os manuais de música sem o intuito de tocar ou até mesmo viver de música.

No estoicismo, como no epicurismo, filosofar é um ato contínuo, um ato permanente, que se identifica com a vida, um ato que é preciso renovar a cada instante. Nos dois casos, pode-se definir esse ato como uma orientação da atenção. (HADOT, 2014, Página 266.)

Nesta presente monografia, partimos desta provocação do Hadot sobre como a filosofia não é uma reflexão teórica separada da vida, mas sim um modo de viver. O objetivo do trabalho é trazer a reflexão sobre como outras linguagens podem ser mobilizadas e compor o quadro de ferramentas disponíveis no ensino de filosofia, como modo de implicar o sujeito que pensa na própria filosofia ao mesmo tempo em que aprende ou ensina a filosofia. A oralidade, tanto como é abordada no pensamento indígena, como é abordada no pensamento tradicional africano, coloca a vida do sujeito da fala e/ou pensamento em jogo, pois não se deve falar uma coisa e viver outra sem questionamentos éticos e ontológicos.

A monografia está dividida em duas partes. A primeira parte é voltada ao debate sobre a oralidade e a relação com formas de resistências vividas e pensadas ao mesmo tempo, seja pelos povos indígenas, seja pelos negros africanos em África ou aqui no Brasil. A segunda parte busca fazer uma aproximação entre o tema da primeira parte com o debate sobre educação, que poderia ser fortalecido com a possibilidade de utilizar de outras linguagens mais abertas a oralidade e suas estratégias de resistências, e não se limitando apenas a modos de explicação neutros, objetivos, superficiais e distanciados.

## 1. Linguagem e resistência

No meio acadêmico estuda-se muito por meio de textos/livros de autores, dos antigos aos contemporâneos. Mas não podemos nos esquecer que antes do advento da escrita e da perpetuação dos saberes em livros, os conhecimentos eram disseminados por via oral. Na cultura africana antiga, por exemplo, em que a única forma de espalhar e manterem suas tradições culturais, crenças e mitos, era pela fala. Tanto é que da oralidade que se faz nascer a escrita (BÂ, 2010, p. 168.). As informações eram memorizadas e repassadas aos outros.

Entre as nações modernas, onde a escrita tem precedência sobre a oralidade, onde o livro constitui o principal veículo da herança cultural, durante muito tempo julgou -se que povos sem escrita eram povos sem cultura. Felizmente, esse conceito infundado começou a desmoronar [...] os primeiros arquivos ou bibliotecas do mundo foram o cérebro dos homens. (BÂ, 2010, p. 167-168)

Uma das formas de preservar e transmitir as histórias, os acontecimentos, as tradições, as canções, crenças, ritos, os conhecimentos que seu povo tinha acumulado com o passar do tempo, era por meio dos *Griots* – que eram contadores de história, cantores, poetas e musicistas que eram responsáveis por aprender e perpetuar os conhecimentos de sua cultura –, que tinham essa função, eram os responsáveis por isso. Pois na tradição oral baseia-se em uma certa concepção do homem, do seu lugar e do seu papel no universo. Onde o espiritual e o material estão misturados, “é ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, história, divertimento e recreação” (BÂ, 2010, p. 169); a tradição oral relaciona todos esses aspectos.

Encontrar e reconhecer o seu lugar de fala e no mundo é um passo grande para uma possível pedagogia libertadora, reconhecer suas raízes e entender todo o processo que seu povo passou e passa ainda hoje é importante. Entender as lutas ao qual estão em jogo, seja no domínio educacional, cultural, familiar, de classe, gênero, social, profissional ou qualquer outro é essencial para poder interferir da melhor forma possível para tornar a vivência mais humanista e a sociedade cada vez melhor de ser vivida e compartilhada por todos. Existem diversos tipos de conhecimentos, e que dentro da cultura de um povo são disseminados por diversas vias, seja por música, danças, por ritos religiosos, filmes, livros, academias, griots, professores, internet, entre outros. Diversos tipos de conhecimentos que, dia após dia – isso vem desde que o homem branco invadiu e tomou o poder por meio de brutalidade e sangue –, a elite busca distorcer e sucatear as formas de acesso no intuito de que esses conhecimentos não sejam vistos como conhecimentos.

Nos dias de hoje vivemos uma realidade construída e moldada há muito tempo atrás, somos resultado de políticas públicas burguesas, escravização e genocídio do povo indígena e negro que habitam esse país antes do homem branco se achar no direito de “conquistar” essas terras. Os indígenas tiveram seu espaço e modo de vida invadidos com a chegada do homem branco europeu, que trouxe uma epistemologia ocidental controladora consigo, a impondo aos indígenas como universalmente válida e desconsiderando a epistemologia indígena. Buscavam dominar terras e expandir seus domínios, impor sua cultura e catequizar os indígenas, independente dos meios usados para que isso acontecesse. As missões jesuíticas foram como uma espécie de laboratório, que buscavam distorcendo os princípios de muitos indígenas, na forma de lidar com o mundo e os outros. Foi implantado na cabeça do indígena e de negro a ideia errônea de que o conhecimento é algo rebuscado, pois foi disseminado de uma forma elitizada e discriminante. O homem branco se organizou criminosamente para impor sua epistemologia aos demais com o intuito de se favorecer com o trabalho, o suor, o sangue, a cultura, os

ensinamentos *úteis* dos que eles estavam escravizando, a integridade, a humanidade e a vida.

As gerações que surgiram após a chegada do homem branco às terras indígenas foram produto de um processo de violência sexual multigeracional, uma população de sobreviventes de uma empreitada genocida, epistemicida e etnocida. Posteriormente, em grande parte, foram obrigados a servir aos brancos e bandeirantes como um intermédio entre culturas; um elemento de ligação entre o homem branco e o indígena, pois eram resultantes e pertencentes de duas culturas diferentes, podendo ter, em certa medida, acesso às duas. Portanto, eram forçados a conhecer os caminhos das florestas e guiar os homens brancos, que logo após conhecerem e compreenderem a organização e a funcionalidade do local onde estavam, buscaram organizar da forma dominadora, separatista e higienista a disposição onde a elite dominadora e os escravizados iriam ficar, e geralmente, ficam o mais separados possível, mandando os resultados dessa escravização para os guetos e periferias longe da capital e dos centros urbanos, os locais da elite rica, para não *poluir* os espaços onde os ricos transitam.

Os espectros não podem ser visíveis! Para que o ambiente não seja “poluído” com nossa presença, devemos sair dos guetos apenas para trabalhar. Só lembrando, para eles [os ricos], não somos pessoas, somos funções sociais (TADDEO, 2012, p. 151).

Pode-se dizer que os padres jesuítas faziam uma espécie de ‘lavagem cerebral’, buscando impor sua religião, língua e visão de mundo aos indígenas, no intuito de provocar um esquecimento e abandono de suas culturas e conhecimentos, transformando-os em meros camponeses e mineiros, que seriam de utilidade enquanto mão de obra. Os homens brancos mudaram a organização do espaço, levando os indígenas a terem que se habituar com espaços urbanizados e diferentes de suas aldeias. A organização do espaço

influenciava na organização do tempo, pois os jesuítas obrigaram os indígenas a seguir horários, buscando inseri-los numa outra lógica de relação com o tempo. Colocavam-se sinos grandes em lugares destacados, que marcavam as horas de lazer, de trabalho, de alimentação, etc. Essa ruptura do ritmo em que a tribo seguia antes, tem o intuito de transformar os indígenas em seres produtivos de acordo com a dinâmica colonial,

Passamos a constituir um exército invisível de serventes de pedreiros, pedreiros e mestres de obras, que deixam os barracos dos subúrbios ainda de madrugada [...]. Passamos a constituir um exército de ambulantes, carroceiros, pedintes, menores abandonados, carregadores de água, empregados domésticos, porteiros, garis, carteiros, motoboys, etc... Nos transformaram no contingente fantasmagórico, que, na prática, não tem liberdade individual, liberdade de expressão, pensamento e fé, liberdade de ir e vir, direito à propriedade e justiça, direito à vida, à infância e à educação digna e de qualidade. Em vingança a alforria forçada, os escravizadores condenaram todos os “libertos” e suas gerações futuras, à invisibilidade pública, à estigmatização e à discriminação (TADDEO, 2012, p. 151).

Essa invisibilidade causou muitos danos à forma de viver das gerações posteriores a chegada do homem branco, toda uma lógica de relação com o passado, presente e futuro foi distorcida. Os Guaranis, por exemplo, vivem regidos pelo código do Xamã, que é como um intermédio entre os ancestrais e sua tribo, que por meio de rituais e sonhos se dá a comunicação entre os ancestrais e os xamãs, ditando assim o lugar para onde a tribo deveria ir em busca de uma vida sem a morte, se deslocar sem tréguas, designando assim um caráter nômade, na busca da Terra Sem Mal (BRANDÃO, 1990). A Terra Sem Mal foi um espectro de seus antepassados que moldou toda a construção de um sonho pra toda uma cultura, os fazendo se moverem e se organizarem em diferentes espaços de tempo em tempos, e “como se pode ver, o problema do espectro não é apenas metafísico, mas também essencialmente político...” (LUDUEÑA, 2018, p. 21), pois vemos que os Guaranis buscavam essas terras



para fugirem de problemas advindo das políticas externas ao seu povo, mas que os afetavam.

[...] a comunidade humana nunca deixou de se relacionar constantemente com os espectros que habitam o mundo das ficções da política, a ponto da espectralidade parecer ter sido uma das cenas antropotecnológicas fundamentais que permitiram, a abertura do homem às potências in-humanas que povoam o cosmos (LUDUEÑA, 2018, p. 24 -25).

A forma que o branco *fudeu* com toda uma cultura, por impor a visão de mundo deles, a religião, forma de falar, se portar e viver, corrompendo assim a visão que os indígenas queriam manter viva, que com o tempo, encontra-se tão indissociável uma cultura da outra que

Há agora entre os indígenas e seus deuses uma distância impossível de ser vencida [...] não porque os deuses se calam, mas porque os humanos, dessemelhantes, ambivalentes, não sabem mais ouvir as suas palavras. Não sabem mais, portanto, pronunciá-las (BRANDÃO, 1990, p. 74).

Kopenawa fala a respeito da formação das crianças de sua tribo, a forma que os indígenas ensinam a sua língua, mas não com o mesmo intuito do ensino chamado “capitalista”, que segundo Kopenawa, visaria meramente ensinar para que a criança possa futuramente vir a desenvolver trabalhos e fazer com que a roda do capitalismo continue girando. As crianças yanomamis buscam aprender a escrever para sua própria segurança<sup>1</sup>, para não serem enganados pelas falácias dos homens brancos, que, como diz Kopenawa, busca acabar com a língua indígena no intuito da implementação de uma única língua, em uma busca de extinguir totalmente o acesso a qualquer espectro e lembrança dos antepassados ainda existente, e também como uma forma de dominação

---

<sup>1</sup> DAVI Kopenawa, 2018. Aos 8:28 minutos.

através dos meios de comunicação e organização. Diante da realidade ao que se encontraram, urgiu a necessidade da criação da literatura indígena, como forma de precaver qualquer possível acontecimento futuro, como a dizimação de suas tribos, linguagens e culturas, transcrevendo ou até mesmo se rendendo ao processo colonial de aprender a ler e a escrever a língua dos que colonizaram brutalmente suas terras.

A chamada 'literatura indígena'<sup>2</sup> vem tomando um certo espaço literário, mas por conter bastantes analogias 'folclóricas', acabam, segundo Krenak, sendo não tão levadas a sério pelo meio literário. Em entrevista, Ailton Krenak comenta sobre e pede para que essa literatura seja mais levada a sério, pois essa resistência se molda e busca manter viva sua cultura, mesmo que tenha que 'abraçar' esse processo de colonização, por meios em que são popularmente consumidos, visando um alcance maior de pessoas que possam se atentar e compactuar com a causa. Esse processo tem como um de seus possíveis resultados grupos que aderem a movimentos de resistência como o hip hop e o samba, que usam dessa ferramenta estética no objetivo de passar sua mensagem, da forma mais clara e objetiva como o grupo de rap Oz Guarani cantam "só queremos um lugar pra viver, e a nossa cultura fortalecer"<sup>3</sup>, e além disto, usam a arte como meio de espalharem e eternizarem sua língua cantando rap's inteiros em sua língua<sup>4</sup>. Os modelos estéticos subversivos que os indígenas estão se vendo na necessidade de aderir, que fogem da proposta inicial de sua cultura – que era manter seus saberes apenas entre si, usando a oralidade como meio de transmissão – são apenas como um grito de socorro, em uma tentativa desesperada de passar uma mensagem e atentar a todos, que se continuarmos como estamos, nessa lógica capitalista que contribui para a extinção não só dos

---

<sup>2</sup> AILTON Krenak – culturas indígenas (2016).

<sup>3</sup> OZ Guarani - Somos todos da mesma nação.

<sup>4</sup> BRO Mc's - Eju Orendive.

indígenas como de todos, vai chegar um momento em que a terra não vai mais aguentar e “o céu vai cair nas nossas cabeças”<sup>5</sup>.

"Esta é a língua do opressor, mas preciso dela para falar com você." essa é uma frase de um poema em que a autora bell hooks cita em seu livro e diz que se sente bastante tocada, pois refere-se a sua “língua materna”, o inglês padrão, que é uma língua de dominação e não a língua do exílio. Muitos idiomas nativos foram perdidos/esquecidos com a colonização e a proliferação e imposição da língua inglês como padrão. Reflete a autora:

Sei que não é a língua inglesa que me machuca, mas o que os opressores fazem com ela, como eles a moldam para transformá-la num território que limita e define, como a tornam uma arma capaz de envergonhar, humilhar, colonizar (hooks, 2013, p. 224).

A forma que o inglês padrão – assim como o português padrão/formal no Brasil – são pronunciados é como uma arma de julgamento muito forte, pois foram línguas impostas pelos colonizadores europeus aos que já viviam no país, e como para os indígenas, escravos, estrangeiros, pessoas que tinham outras línguas como “língua materna”, e tiveram que ver a perda de sentido de suas línguas, pois foram arrancados de suas comunidades e levados a um lugar desconhecido com uma outra linguagem, ou foram obrigados a aderir a língua do opressor e lidar com a necessidade de aprender a se comunicar via cultura europeia colonizadora, tendo em vista que linguagens diferentes – diferentes das dos opressores – se tornaram idiomas de foras da lei, fala de renegados (hooks, 2013, p. 224-225).

Aprender o idioma do opressor foi uma forma ao qual os colonizados acharam de conseguirem estabelecer laços para formarem a resistência,

---

<sup>5</sup> Expressão usada por Kopenawa no livro A queda do Céu.

podendo assim encontrar novamente o seu poder pessoal dentro de um contexto de dominação, e dentro dessa nova linguagem comum foi onde acharam um meio de criar uma solidariedade política para resistir (hooks, 2013, p. 226). A língua do opressor foi reinventada, onde os colonizadores tinham de repensar o que estava sendo dito, e muitas vezes não conseguiam compreender o que os negros/colonizados estavam falando – pois transformaram em algo mais do que simplesmente a língua do opressor – e o uso propositalmente incorreto das palavras e da colocação das palavras era como um ato de rebelião que rompia com o costume da língua padrão; palavras faladas “erradas” passaram a ter internamente um outro significado, assim como a forma diferente de proferir as palavras dava outros sentidos ao que queria ser dito, tais como novas gírias que vieram a surgir, canções com mais de um sentido aparente, que eram formas de expor e expandir os atos de resistência, e não apenas canções como também diversas outras expressões artísticas.

Além dos tradicionalistas, temos os griots, estes narradores orais não têm tanto compromisso em ser fiel aos fatos, estão ligados a arte e ao entretenimento. Eles pertencem a cadeia dos Dielli (SOUZA, 2017, p. 9), categoria de narradores orais, a verdade não tem tanto peso, eles contam os fatos de maneira que agrada a quem o está ouvindo, pois estão ligados a animação pública, festas e também em conflitos. Se dividem segundo Hampâté Bâ (BÂ, 2010, p. 194), em categorias que passam pelos que são responsáveis pelas músicas e canções tradicionais que tocam, são também responsáveis por mediações e estão sempre ligados a família de nobres, e os genealogistas que de acordo com Hampâté Bâ “historiadores e poetas, que em geral são grandes contadores de histórias e grandes viajantes.” (BÂ, 2010, p. 194). Eles ainda têm uma liberdade de usar a fala, usando sua criatividade e não necessariamente a verdade; essa liberdade de brincar com as linguagens explorando diferentes usos dela, possibilita aos griots usarem a arte como ferramenta de levar o público a compreensão ao que eles buscam colocar em pauta, pois estão em posição de serem ouvidos com atenção. Podemos ver isso quando Hampâté Bâ cita: “Não tem compromisso que obrigue a ser discreto ou a guardar respeito absoluto

para com a verdade. Podem as vezes contar mentiras descaradas e ninguém os tomará no sentido próprio” (SOUZA, 2017, p. 9).

O rap, assim como o samba e outras formas de cultura de resistência, são espectros que permeiam a contemporaneidade, são formas de vidas antepassadas conversando conosco sobre toda uma história da humanidade e seus desdobramentos, disseminando conhecimentos diversos e de forma não rebuscada e com termos não necessariamente científicos. Com uma linguagem acessível, a arte tem a capacidade de espalhar conhecimentos diversos e por meios diversos; é um espaço onde qualquer pessoa tem a oportunidade de falar sobre o que vê, que sente, o que aprendeu e quer levar aos demais, é um espaço onde seus conhecimentos são ouvidos ou mostrados e debates estabelecidos. É um espaço de resistência e de vivência, um espaço onde os discriminados pela sociedade tem voz ativa e liberdade, já que dia após dia estão sendo calados e oprimidos de forma brusca pelos que buscam invisibilizá-los.

A tentativa de apagamento desses espectros são reações de medo que a elite branca tem de perder o seu ‘poder’, que foi conquistado por meio de escravização e sangue de indígenas e negros. Se essas resistências cederem e se entregarem, certamente o céu irá cair nas nossas cabeças<sup>6</sup>, pois são eles que mantêm vivos e ligam a nossa realidade atual aos deuses e antepassados que nos ajudaram a erguer e manter de pé esse mundo que vivemos, e mantêm viva a esperança de alguma dia conseguirmos alcançar a Terra Sem Mal.

A floresta está viva. Só vai morrer se os brancos insistirem em destruí-la. Se conseguirem, os rios vão desaparecer debaixo da terra, o chão vai se desfazer, as árvores vão murchar e as pedras vão rachar no calor. A terra ressecada ficará vazia e silenciosa. Os espíritos xapiri, que descem das montanhas para brincar na floresta em seus espelhos, fugirão para muito longe. Seus pais, os xamãs, não poderão mais chamá-los e fazê-los dançar para nos proteger. Não serão capazes de espantar as

---

<sup>6</sup> Expressão usada por Kopenawa no livro A queda do Céu.

fumaças de epidemia que nos devoram. Não conseguirão mais conter os seres maléficos, que transformarão a floresta num caos. Então morreremos, um atrás do outro, tanto os brancos quanto nós. Todos os xamãs vão acabar morrendo. Quando não houver mais nenhum deles vivo para sustentar o céu, ele vai desabar (KOPENAWA, 2015, p. 6).

Cantar rap e sambar são algumas das formas de fortalecermos e disseminarmos espectros antepassados de culturas que não morreram e ainda resistem, buscar e levar conhecimentos aos que não tem acesso também é uma forma de seguirmos os espectros antepassados que lutaram para hoje, nós possamos ter o direito de lutar. Não cantar rap, não manter vivos os terreiros, não falar gírias, não ser resistência, são formas de compactuar com a invisibilidade de toda a luta que os antepassados tiveram que iniciar.

## 2. Educação como ambiente de possibilidades

Na atualidade e principalmente no meio acadêmico, a filosofia não é mais tratada como modo de viver, um gênero de vida; a menos que seja o gênero de vida do professor de Filosofia (HADOT, P., 2014, p. 269.), e mesmo assim, ainda existem vínculos – mesmo que apenas profissionais – com o Estado, o que pode ser mais um empecilho para uma filosofia propriamente livre, independente. Tendo em vista que a forma de transmissão de conhecimento na atualidade, em grande escala se tornou uma educação bancária, tal qual Paulo Freire conceitua; onde os alunos são apenas receptáculos de informações e visões que os professores depositam neles e eles têm de reter todo esse conteúdo – muitas vezes sem compreender o conteúdo – e reproduzir em vestibulares/provas de rendimento. Poucos são os professores que estimulam a criticidade no aluno, fazendo-o refletir sobre o que está sendo aprendido, ter interesse em buscar saber mais e colocar em prática da melhor forma, desenvolvendo assim uma opinião sobre o conteúdo. Pois os conteúdos são passados sem nenhum horizonte de aplicabilidade na vida dos alunos, de formas até abstratas, desestimulando assim, o aluno que não consegue ver correspondência com o que está “aprendendo”, e não sabe o que pensar sobre, sendo assim, consumidores passivos, processo contrário ao que Paulo Freire denomina por “conscientização”, onde “todos tomam posse do conhecimento como se este fosse uma plantação onde todos temos de trabalhar”, levando assim a uma educação libertadora (hooks, 2013, p. 226).

Devido a eminente ameaça do desaparecimento e extinção de toda uma cultura, surge a preocupação de espalhar sua língua e tentar mudar seus modos de lidar com os indivíduos de fora de suas tribos, pois o que antes era uma

comunidade fechada que compartilhava sua linguagem e modos de vida apenas entre si, agora divulgam e buscam chamar atenção pra existência dessa cultura como forma de continuar resistindo ao plano capitalista de dissolução de um povo que sobreviveu e pode contar a história de um outro ponto de vista que não seja o do povo colonizador.

É de importância a exigência da literatura indígena, ‘apenas’ para que sua cultura não morra, porque a princípio se o homem branco não tivesse interferido na cultura indígena, que era uma cultura oral que buscava se manter fechada apenas entre eles, não precisariam estar escrevendo livros explicando sobre sua existência. Mas diante do cenário atual que os povos indígenas se encontram, se vê uma necessidade de passar uma mensagem aos demais que os indígenas não são ‘selvagens’<sup>7</sup> assim como é popularizado por uma cultura estereotipante que não tem e nem busca conhecer sobre os indígenas.

A partir da visão de Kopenawa, acerca do primeiro contato, os homens brancos são tidos como “seres maléficos” (VALENTIM, 2018, p. 252), e por isso Davi Kopenawa fica receoso com esse contato, entre os jovens de sua tribo e a universidade, mas faz um intermédio com cautela para não serem corrompidos. Os representantes indígenas que partem para estudar em universidades, vão no intuito de se capacitarem e trazerem conhecimentos para dentro de sua tribo.<sup>8</sup> E mesmo não sendo o ideal, acaba existindo a necessidade de se integrar ao sistema que contribuiu para o processo de colonização, porém é uma das saídas possíveis que encontraram de entrar em um meio onde seus gritos de socorro podem ser ouvidos.

É bom não esquecer que os jesuítas vieram pra cá, pra botar escolas e catequizar os indígenas, e ensinar eles a ler e escrever. Enquanto os indígenas puderam resistir, eles não aprenderam nem a ler e nem a escrever. Então seria

---

<sup>7</sup> Diálogos: Davi Kopenawa na UnB, 2017.

<sup>8</sup> DIÁLOGOS: Davi Kopenawa na UnB, 2017. Aos 4:40 minuto.



interessante investigar se quando os indígenas estão lendo e escrevendo, se eles já se renderam ou se eles ainda estão resistindo. Ailton Krenak – culturas indígenas, 2016.

Enquanto puderam resistir, os indígenas e os escravizados não aprenderam a língua que foi imposta a eles, não cantaram músicas que os obrigaram a cantar, não fizeram as artes e os trabalhos que os mandavam fazer. Enquanto puderam, ressignificaram símbolos que tinham o intuito de os oprimir, passaram a se comunicar usando gírias – pois também foi uma forma de ressignificar as palavras que tinham que passar a falar, já que sua língua materna foi proibida – e se organizarem para resistir, a arte foi uma grande aliada nessa luta de resistência. A arte é um dos meios em pode ser usado como uma expressão, afirmação da ancestralidade, uma extensão em si da própria estética africana, como coloca Asante, que por meio da dança explora essa possibilidade. Na atualidade podemos ver muito bem isso em linguagens periféricas, como as próprias gírias e modos de falar, ou até com a música, e todas as suas possibilidades de conhecimento e cultura; o hip hop surgiu como um movimento cultural de resistência, uma forma de dar voz e empoderamento do povo preto e periférico, e uma maneira de comunicar e espalhar críticas e palavras de amor, paz, transformação e resistência, com o intuito de conscientizar e diminuir as guerras, a violência e promover o apoio e o incentivo ao próximo. Tornou-se um movimento muito popular e cresceu de uma forma enorme, hoje em dia tem alcance mundial e muitos representantes do movimento têm sido conhecidos e se tornado influentes. No Brasil tem se tornado um dos ritmos mais influentes e populares, e têm surgido diversas pessoas que estão expondo ao mundo o que elas têm a dizer, suas lutas e críticas por meio do hip hop. O movimento vem tomando enormes proporções, e tem salvado muitas vidas, seja por meio de ONG's, projetos sociais, seja por trazer pro consumidor uma nova forma de olhar o mundo, conscientizando através de suas músicas, letras de poemas que expressam vivências, dicas para uma emancipação e autonomia, orientações e exemplificações por meio de relatos de realidades e acontecimentos.

A função da Estética estabelece uma relação de operacionalidade entre o indivíduo e a comunidade, isso significa que a arte deve estabelecer um vínculo entre indivíduo e comunidade, uma vez que, no contexto africano, a comunidade tem grande importância social e vital. (EUGENIO, 2020, p. 3)

“*Quer ser o melhor? Vai ser o melhor pra tua comunidade*”<sup>9</sup> esse é o trecho é parte da música *Griot*, do MC Marechal que é um *rapper*, produtor, e ativista brasileiro; é um dos grandes nomes dentro do cenário do rep (ritmo e poesia) nacional. Ele criou a Batalha do Conhecimento – batalhas de improviso e rimas em *freestyle* são bem populares e um pilar importantíssimo dentro da cultura *hip-hop* – com o intuito de promover e disseminar ideias e levar conhecimentos diversos ao público de batalhas de *freestyle* e de rep. Iniciou o projeto Livrar (junção da palavra “livro” com “levar”), que distribui livros de autores independentes por todo o Brasil, em seus shows, pois para ele a leitura é tão importante quanto à música, e usa da sua representatividade e visibilidade no rep para incentivar e promover a importância da leitura, principalmente para as crianças. Existe na cultura hip hop uma ligação enorme entre o que se fala e o que se vive, pois como discorre pontualmente Paulo Freire: “‘faça o que eu mando e não o que eu faço’. Quem pensa certo está cansado de saber que as palavras a que falta a corporeidade do exemplo pouco ou quase nada valem. Pensar certo é fazer certo.” (FREIRE, 1996, p. 38). As letras das músicas geralmente costumam ser histórias reais de quem canta, a forma em que eles veem a vida, protestos ou desabafos, disseminar conhecimento, um modo de expor e denunciar a realidade, e as palavras e a vida de quem as profere são levadas com muita seriedade, pois existe todo o ideal de um movimento/luta por trás disso ao qual todos esses conhecimentos adquiridos são colocados em prática e vivenciado, e essa realidade é constituída pelo movimento, como explica Naiara, ao citar Asante: “Quando em Filosofia dizemos que a estética Africana é “um modo de energia que só funciona quando usada”, estamos dizendo que, efetivamente, a experiência estética só se dá em movimento” (EUGENIO, 2020, p. 6) , movimento esse que visa conscientizar e levar o

---

<sup>9</sup> Mc Marechal || Griot. Acesso em: 30/09/2022.

consumidor a reflexão sobre si e sobre toda a carga de conhecimento e história que está sendo transmitida ora em uma letra de um rap, ora numa exposição de arte ou numa roda de samba, dentre diversas possibilidades de vivências e possibilidades de aprendizados.

A funcionalidade da estética africana diaspórica inclui traçar um caminho de conhecimento de si mesmo e libertação e avanço intelectual do povo preto. Ela precisa funcionar para a comunidade africana e manter uma conexão de padrões interligados ao continente africano (EUGENIO, 2020, p. 3).

Encaramos uma realidade onde a educação tem seguido cada vez mais para o rumo do sucateamento, por parte dos governos ao qual deviam estar cuidando e investindo. Sucateamento esse proposital, pois onde não se investe em educação, diminui as possibilidades de existirem revoltas e descontentamento quanto ao estado em que a educação se encontra. O intuito é gerar um desinteresse em massa por parte dos alunos, para assim facilitar ainda mais o domínio e os interesses dos que governam e planejam colocar em execução esse extermínio das minorias que não ou não buscam (por inúmeros motivos) instrução quanto os seus direitos como pessoas, como povo, e como cultura.

Como a autora bell hooks discute em seu livro (hooks, 2013, p. 270), a academia é vista como um processo de perda de fé, pois ainda é mantido por profissionais que não tem paixão pelo que fazem e pela falta de estímulo aos que ainda tem paixão. A educação não pode ser vista como um fardo ou algo que pesa e exclui pessoas e povos, a sala de aula é um lugar onde pessoas se encontram, compreendem suas realidades e encontrar um objetivo e formas de mudança de vida, deve ser mais valorizada e incentivada. É um lugar de ensinar e aprender, e o engajamento mútuo é a chave para isso fluir, pois a educação e o conhecimento libertam, mudam destinos e salvam vidas. Trabalhar em busca

de expandir o acesso às escolas e a uma educação bem estruturada, principalmente na base; pois se apoiarmos e incentivamos o pensamento crítico e uma educação emancipadora à nossas crianças, estaremos 'plantando' bons frutos que as próximas gerações colherão e poderão ir além, até porque todos juntos transgredirmos fronteiras, estaremos cada vez mais próximo de uma educação como prática de liberdade, até porque "a academia não é o paraíso. Mas o aprendizado é um lugar onde o paraíso pode ser criado. A sala de aula com todas suas limitações continua sendo ambiente de possibilidades..." (hooks, 2013, p. 273).

## Considerações Finais

O presente trabalho buscou colocar em pauta discussões acerca de linguagens de resistências e educação. Diante das inúmeras formas de transmissão de conhecimentos, a oralidade pode ser um bom recurso a ser explorado dentro e fora das salas de aula, por conhecimentos científicos, mas não apenas, a oralidade fez e faz parte de toda a história do mundo e vem sendo contada, difundida e perpetuada até os dias de hoje. Existe uma abrangência enorme na possibilidade de difundir conhecimentos, culturas e saberes, e que muitas vezes esquecidos ou discriminados propositalmente, não deixam de ser conhecimentos. A arte é um meio riquíssimo de materiais de resistência e perpetuação de saberes, e explorar isto pode ser uma saída para fugir um pouco das linguagens neutras e quadradas a que a academia costuma abordar. Trazer formas lúdicas de aprendizado para a sala de aula pode ser um bom motivador para revertermos a situação de sucateamento e desmotivação que vem atingindo as escolas e nossos jovens.

Indígenas, negros, africanos, entre diversos grupos que foram brutalmente atingidos e sofreram na mão do homem branco, ainda estão resistindo e vivendo suas filosofias, perpetuando sua cultura, pensando e agindo no mundo. A educação pode ser um meio ao qual os possibilitem a continuarem lutando, resistindo e levando conhecimentos aos demais, na busca por um mundo em que possamos viver, e viver melhor. A resistência e conhecimentos existem e estão nas lutas diárias, nas conversas, nas músicas, rodas de samba, de rap, em gírias, terreiros, salas de aula, em abraços, e em tudo o que os que estão resistindo vivem e fazem. E mesmo que a realidade não seja o paraíso ainda, o mundo continua sendo um enorme campo de possibilidades.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os Guarani: índios do Sul - religião, resistência e adaptação**. 1990.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia** - Saberes Necessários à Prática Educativa. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

HADOT, P., **Exercícios Espirituais e Filosofia Antiga**, É Realizações Editora, 2014.

HAMPÂTÉ BÂ. **História geral da África**, I: Metodologia e pré-história da África, Capítulo 8. editado por Joseph Ki -Zerbo. – Brasília: UNESCO, 2010.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a Educação como prática de liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla- São Paulo. 2013. Editora Martins Fontes, 2013.

LUDUEÑA, Fabián. **Princípio de Espectrologia**, a Comunidade dos Espectros II. Tradução Leonardo D'Avila e Marco Antonio Valentim – Desterro [Florianópolis]: Cultura e Barbárie, 2018.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**: palavras de um xamã Yanomami. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SOUZA, Adriana de. **A importância da oralidade como fonte histórica na África**. Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora. 14 páginas. 2017.

TADDEO, Carlos Eduardo. **Guerra Não Declarada na Visão de Um Favelado**. São Paulo: s/ editora, 2012.

VALENTIM, Marco Antônio. **Extramundandade e sobrenatureza: Ensaio de ontologia infundamental**. 2018.

PAULA, Naiara. **Estética e filosofia da arte africana: Uma breve abordagem sobre os padrões estéticos que conectam a África e sua diáspora**. , 2020.

## AUDIOVISUAL:

AILTON Krenak – culturas indígenas (2016). Direção: Eduardo Saron. Produção: Ana Paula Fiorotto e Caroline Rodrigues. Youtube.com. Duração 15:54. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=LEw7n-v6gZA&t=306s> >. Acesso em: 30/09/2022.

BRO Mc's - Eju Orendive | CLIPE OFICIAL | LEGENDADO. Direção: CUFA.TV DDOS. Produção: central de áudio/visual da Cufa MS, em Dourados. Youtube.com. Duração: 3:35. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=oLbhGYfDmQg> >. Acesso em: 30/09/2022.

DIÁLOGOS: Davi Kopenawa na UnB. Direção: UnBTV. Produção: UnBTV. Youtube.com. Outubro de 2017. Duração: 19:56. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=zsoMjJnZvfo> >. Acesso em: 30/09/2022.

DAVI Kopenawa – Seminário Arte, Cultura e Educação na América Latina (2018). Direção: Eduardo Saron. Produção: Paula Bertola. youtube.com. Março de 2018. Duração: 12:22. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3JeZQBGwvoo>>. Acesso em: 30/09/2022.

MC Marechal || Griot. Direção: Mc Marechal. Produção: Mc Marechal. Youtube.com. Duração: 5:17. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=eH2doV-F1zM> >. Acesso em: 30/09/2022.



OZ Guarani - Somos todos da mesma nação. Direção: Oz Guarani. Produção: Oz Guarani. Youtube.com. Duração: 3:47. Disponível em: <  
[https://www.youtube.com/watch?v=A\\_6bDPcTPY8](https://www.youtube.com/watch?v=A_6bDPcTPY8) >. Acesso em: 30/09/2022.